

RENASCIMENTO

A JORNADA DE SUPERAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO DE UMA VIDA



VITOR VEIGA

RENASCIMENTO

1

O INÍCIO DA VIDA

2

O CONFLITO FAMILIAR

3

A SEPARAÇÃO DOS MEUS PAIS

4

A PERDA DO MEU PAI

5

A MAGIA NEGRA E AS AMEAÇAS DA MINHA
MÃE

VITOR VEIGA

RENASCIMENTO

6

A REBELDIA NA ESCOLA

7

A ADOLESCÊNCIA DESORIENTADA

8

A VIDA LOUCA E O PRIMEIRO CONTATO
COM A LIBERDADE

9

SUPERANDO EXPECTATIVAS NA
FACULDADE

10

A FACULDADE E A FUGA DA REALIDADE

VITOR VEIGA

RENASCIMENTO

11

O PASSADO DE VOLTA

12

A LUTA EM SÃO PAULO

13

A QUEDA E A FOME

14

A DOENÇA E A PERDA DO PROPÓSITO

15

O PASSADO NO LAR PSIQUIÁTRICO E A
REDESCOBERTA DO ESTUDO

VITOR VEIGA

RENASCIMENTO

16

O ISOLAMENTO E O APRENDIZADO

17

A FORÇA DA SUPERAÇÃO

18

O NOVO DESAFIO E A QUEDA NA CLÍNICA
PSIQUIÁTRICA

19

A ASCENSÃO E O EMPREENDEDORISMO

VITOR VEIGA

CAPÍTULO 1

O céu de São Paulo parecia anunciar uma tempestade. As nuvens escuras se acumulavam como um aviso silencioso de que algo grandioso estava por vir. Naquele dia, nasceu Miguel, um menino que já começaria sua jornada carregando o peso do inesperado. Sua chegada não foi recebida com festa. Pelo contrário, o mundo parecia conspirar contra sua existência desde o primeiro choro.

A mãe, Helena, sentia o peso de uma vida cheia de frustrações e angústias. A gravidez não planejada a fez mergulhar em um turbilhão de emoções conflitantes. Cada olhar para o pequeno Miguel trazia à tona memórias de sonhos adiados e uma sensação de prisão invisível. O amor materno, que para muitos floresce de forma natural, para ela era um campo seco e árido, onde nada parecia crescer.

Mas Miguel nasceu. Contra todas as tentativas, contra todas as probabilidades, ele nasceu. Um pequeno sopro de vida que, de alguma forma, se recusava a ser apagado. Desde o início, era possível perceber que ele tinha algo especial: uma força silenciosa que não se explicava, apenas se sentia.

Com apenas quatro meses de vida, sua história já parecia digna de um livro. A família decidiu deixar São Paulo e partir em direção à Bahia. O plano era recomeçar, deixar para trás as dores e as mágoas. Mas a jornada não foi nada fácil. No meio do caminho, a estrada se transformou em um rio. Choveu tanto que parecia que o céu havia se rasgado. O carro ficou preso no alagamento, e Miguel, frágil e indefeso, estava no colo do pai, Rafael, que fazia de tudo para protegê-lo.

CAPÍTULO 1

Segura firme! — gritou Rafael para Helena, enquanto a água subia até a altura de suas pernas.

O som da chuva forte misturado ao choro das duas irmãs mais velhas de Miguel criava uma trilha sonora de tensão e medo. Rafael olhou para o filho nos braços e, por um instante, sentiu o frio da incerteza. “Será que vamos sair daqui?”, pensou. Mas, como sempre, Miguel parecia tranquilo, como se soubesse que aquilo era só mais um teste.

Depois de horas de espera, com o carro cercado pela água, um grupo de moradores locais apareceu para ajudar. Eles puxaram o carro com cordas e guiaram a família para um abrigo seguro. Quando finalmente saíram do alagamento, estavam molhados, exaustos e famintos.

Helena mal olhava para Miguel, mas Rafael o segurava com um cuidado especial. Sabia que o pequeno guerreiro já tinha passado por mais provações do que muitos enfrentam em anos de vida.

O destino seguinte foi Recife. Chegaram com quase nada: algumas malas, roupas molhadas e muita incerteza. Miguel, aos quatro meses, pesava apenas 6 kg. Frágil, mas vivo. O olhar de Rafael para o filho dizia tudo: “Você é mais forte do que parece

Naquela noite, enquanto todos dormiam no chão de uma casa emprestada por parentes distantes, Miguel permaneceu acordado por alguns instantes. Seus olhos escuros, ainda inocentes, pareciam observar o mundo à sua volta, como quem sabe, mesmo sem entender, que a vida não seria fácil, mas que ele também não seria fraco..”

CAPÍTULO 1

Foi assim que Miguel começou sua jornada. Nasceu para resistir. Nasceu para vencer. E, mesmo antes de aprender a andar, já estava enfrentando as tempestades da vida. Se o mundo não o queria, ele responderia com uma determinação silenciosa: "Eu vou ficar."

CAPÍTULO 2

A nova casa em Recife não era grande nem confortável, mas tinha um teto, e isso já bastava. As paredes de cor desbotada guardavam mais do que pessoas; guardavam histórias não contadas, olhares cortantes e palavras que, mesmo não ditas, pesavam no ar. Ali moravam não só Miguel, suas duas irmãs, seus pais, Rafael e Helena, mas também dona Ismênia, a avó paterna de Miguel. E era aí que o verdadeiro campo de batalha se formava.

Dona Ismênia era uma mulher de olhos críticos e uma língua afiada. Vinha de uma época em que as tradições não eram apenas seguidas, mas impostas. Para ela, Rafael, seu filho, merecia uma "mulher de respeito", uma mulher "à altura". Mas Helena não era, aos olhos de dona Ismênia, nem uma coisa nem outra. Sua pele negra era vista como um símbolo de diferença, e não de beleza. Ismênia não falava isso em voz alta, mas seus olhares diziam tudo.

Essa mulher não é pra você, Rafael — ela murmurava em tom baixo, mas alto o suficiente para Helena ouvir.

Helena não era de abaixar a cabeça. Desde pequena, aprendeu que o mundo não oferecia nada de graça, e, se quisesse algo, teria que lutar. Mas como lutar contra alguém que não a enfrentava diretamente, mas atacava pelas sombras? Cada olhar de Ismênia era um golpe invisível, cada suspiro de desprezo era uma faca silenciosa.

Miguel, agora com poucos meses, sentia o ambiente ao seu redor, mesmo sem entender. O choro dele parecia ecoar mais forte quando os ânimos se exaltavam. Era como se seu pequeno corpo reagisse ao que não conseguia ver. Ele era a ligação entre dois mundos: o de Helena e o de Ismênia. E, para ambas, ele simbolizava tanto a continuidade quanto o conflito.

CAPÍTULO 2

Esse menino precisa de uma boa criação, não dessas bobagens que sua mãe ensina! — dizia Ismênia, lançando o olhar cortante em direção a Helena.

— Ele vai crescer forte, pode ter certeza — Helena respondia, firme como uma rocha. — E não vai precisar do seu conceito de “boa criação” pra isso.

As trocas de farpas eram diárias. Rafael, no meio disso tudo, era um homem de poucas palavras. Trabalhava o dia inteiro e, quando voltava para casa, parecia fugir dos conflitos como quem evita tempestades. Não queria tomar partido, pois sabia que qualquer lado que escolhesse seria um campo minado.

Mas, naquela casa, o silêncio nunca durava muito. Certo dia, depois de uma discussão mais acalorada, Helena, com Miguel no colo, foi para o quintal. Lá fora, ela respirou fundo, deixando o vento tocar seu rosto. Seus olhos estavam marejados, mas não deixaria que ninguém a visse chorar. Miguel olhou para ela com seus olhos grandes e curiosos, como se perguntasse: "Por que está assim, mãe?".

— Eu vou te proteger, meu filho. Mesmo que o mundo inteiro se volte contra nós — disse Helena, enxugando as lágrimas com pressa.

Naquele momento, Helena percebeu que não estava lutando apenas por si mesma, mas por Miguel. Ele seria sua prova viva de que o amor vence, mesmo quando o ódio tenta sufocar.